

Limites do Conceito de Bipolaridade

José Augusto Guilhon Albuquerque



Texto disponível em www.iea.usp.br/artigos

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do autor, não refletindo necessariamente as posições do IEA/USP.

Limites do Conceito de Bipolaridade*

José Augusto Guilhon Albuquerque

O embaixador Gelson Fonseca afirma que a questão da polarização, a questão de identificar novos pólos de poder ou ainda como se organizam os pólos de poder, não seriam questões pertinentes no período que estamos atravessando.

Pois, justamente, a questão que eu colocaria como um problema de natureza teórica que, entretanto, tem efeito direto sobre a interpretação do período em que estamos vivendo – esse período de transição entre uma ordem polarizada e algo que não sabemos ainda o que será – é a questão de saber se a noção de pólos de poder nos permite entender todo e qualquer tipo de sistema internacional possível, toda ordem internacional possível. Quero referir-me ao fato de que aquilo que nós conhecemos como o sistema mais antigo de ordem internacional, o da Grécia Clássica, foi um sistema polarizado entre Atenas e Esparta. Mas o sistema internacional, sob a hegemonia romana, não foi um sistema polarizado. Não havia um pólo oposto a Roma, mas uma multiplicidade de arranjos de poder, compreendendo uma hegemonia absoluta exercida sobre a periferia, mas também acordos de natureza semi-igualitária, digamos assim, como a região da Itália. Não se pode falar em polarização no período europeu de equilíbrio entre potências. Tampouco no concerto europeu, poder-se-ia falar de uma polarização, no sentido em que se espera que uma potência encontre uma potência rival que se oponha sobre alguma dimensão importante das relações internacionais.

Assim sendo, talvez nós devamos pensar neste período de transição, e na hipótese de uma reorganização do poder internacional, deixando de lado a idéia de pólos de poder, como sugeria na sua introdução, o embaixador Gelson Fonseca. Isto porque, se nós considerarmos as dimensões mais importantes – a dimensão econômica, a dimensão comercial, a dimensão militar, a dimensão política do sistema internacional – com certeza nós encontraremos uma potência que se destaca em cada uma e todas essas dimensões, mas não temos nenhuma polarização em relação a ela em nenhuma dessas dimensões. Não apenas em termos de Estados rivais, mas tampouco em termos de concepções: não existe uma concepção de comércio oposta à concepção que os Estados Unidos defendem hoje. A rivalidade entre os EUA e a Europa ou entre os EUA e o Japão, entre a Europa e o Japão,

* Texto do evento “O Brasil e as Novas Dimensões da Segurança Internacional” realizado no IEA no dia 11 de setembro de 1998.

ou mesmo a rivalidade dentro do continente entre os EUA e o Brasil, não repousam sobre nenhum tipo de noção de polarização.

Se nós pensarmos em termos militares, não existe nem mesmo uma aspiração de se constituir um pólo de atração militar oposto aos EUA. Em termos de liderança política, a liderança dos EUA é incontestável, é o país que tem maior capacidade para tomar iniciativas e obter um certo consenso entre seus aliados. Mas aí também não existe uma liderança política oposta e polarizada.

Portanto, seja em termos de concepções da organização econômica, concepções da organização da cooperação internacional, da noção de paz, enfim, dos direitos humanos, não existe polarização em sentido estrito. Assim sendo, o que parece caracterizar este período de reorganização do poder mundial é que se trata, de um período despolarizado, no qual não é possível determinar uma dimensão importante da ordem internacional em que se constituam atrações opostas em direções opostas e conflitantes.

Isto torna a análise e a prospecção do que poderia vir a ser a organização do poder mundial, muito mais complicada. Isso faz com que alguma confusão tenha afetado essas hipóteses levantadas no início dos anos 90, que o embaixador Gelson Fonseca apresentou aqui com muita clareza. No primeiro momento foi fácil dizer: bom, acabou a polaridade Leste-Oeste; qual vai ser o novo pólo? Por exemplo, a resposta de Samuel Huntington no sentido de que essa nova polarização deve ser buscada no eixo da cultura, na dimensão da religião, é exatamente uma tentativa de redescobrir uma polaridade. No fundo, a hipótese subjacente é: o mundo só se organiza em torno de pólos, seja em torno de pólos militares, culturais, religiosos etc. Não me parece que isto seja verdadeiro. Nós estamos em uma situação que talvez pudesse ser mais bem descrita em termos de distribuição do poder, tanto econômico quanto militar e político.

Acho que um modelo interessante seria o da "corrida de bicicletas", em que há um pelotão de frente e há o segundo pelotão. Isto me parece mais adequado para descrever esta distribuição. Na verdade, em todas as dimensões nós temos uma evidente supremacia americana, mas que não se transforma em hegemonia, por todas as razões que foram colocadas aqui. E nós temos um segundo pelotão, e por isso é interessante a "corrida de bicicletas" porque, enquanto pelotão, todos estão próximos, existe um sistema de rodízio. Quer dizer, tem sempre gente caindo do segundo pelotão para trás e sempre gente chegando ao segundo pelotão.

Aqui eu gostaria de colocar duas questões: uma é saber o que vai acontecer com parte do segundo pelotão que está aí muito mais em função da Guerra Fria e da Segunda

Guerra do que do papel que hoje pode desempenhar no sistema internacional. Refiro-me a países tais como a Inglaterra ou mesmo a França e a Rússia. O que é que vai acontecer? Vão cair do pelotão? E o que é que vai acontecer com aqueles que aspiram a chegar aí, tais como a China, mais manifestamente e eventualmente o Brasil e a Índia? Vai haver um sistema de gangorras? Essa é a primeira questão.

A outra questão é: o que é que eles vão fazer, isto é, o seu principal papel será o de conter, e, de certa forma, adequar a potência americana no sentido de moderá-la, num sentido mais próprio de Montesquieu? Isto é, algo que vai evitar a unilateralidade, vai conter o ímpeto da decisão rápida, tais são as características que Montesquieu apresentava para a necessidade de contenção do poder unilateral? Ou será um grupo de seguidores, que simplesmente faria o papel de dinamizar o poderio americano? Acho que esta é a grande questão.

Pensando-se há cinco, seis anos, esperava-se uma modificação na política externa do Japão, ou melhor, que o Japão passasse a ter uma política externa - ele deu um sinal nesse sentido. Deu sinais de que aspiraria a exercer um poder de moderação. Hoje, essa possibilidade está mais afastada. O mesmo se podia esperar da Europa, embora isto seja um contra-senso, porque a Europa não é um país, está longe de ser um país, e, entretanto, nem a Alemanha, nem a Europa como um todo, assumiu quaisquer das responsabilidades que se esperaria em termos de decisão militar, de liderança política, mesmo no seu quintal. Então, também não temos muita expectativa desse lado. Do outro lado, há uma expectativa, digamos assim, negativa pois se há uma potência que aparentemente aspiraria chegar a esse segundo pelotão, mas usá-lo como um trampolim para uma futura polarização é a China. Então, essa redistribuição do poder internacional parece-me depender dessas duas incógnitas. Quem estará no segundo pelotão, já que o primeiro já está definido, e qual será o papel fundamental desse pelotão?